

## Memória Cinematográfica: revelando o Massacre do Cemitério de Santa Cruz através das lentes de Max Stahl

**Hélio José Santos Maia**

Universidade de Brasília  
Brasília, Distrito Federal, Brasil

**Recebido em:** 09 maio 2024

**Aprovado em:** 24 nov. 2024

**Publicado em:** 30 abr. 2026

### Resumo

Este artigo investiga o impacto do registro cinegráfico do Massacre do Cemitério de Santa Cruz em Dili, Timor-Leste, ocorrido em 1991, na visibilidade internacional do sofrimento do povo timorense sob o domínio indonésio. A partir de uma análise qualitativa e documental, busca-se compreender como o registro cinematográfico contribui como fonte histórica para a análise de eventos traumáticos. A investigação baseia-se em convivência pessoal com a sociedade timorense e em pesquisa bibliográfica como instrumento metodológico, reconhecendo as dificuldades enfrentadas para tratar desses temas sensíveis. Evidencia-se ainda o papel essencial do cinema na documentação de violações dos direitos humanos e na defesa da justiça, especialmente em contextos de massacres e genocídios. No artigo se examina o compromisso do cinegrafista Max Stahl na exposição das brutalidades da ocupação indonésia em Timor-Leste, destacando como suas filmagens foram importantes para despertar a consciência global e mobilizar a solidariedade internacional que culminaria anos depois na autodeterminação de Timor. São discutidos ainda os desafios e possibilidades da representação audiovisual de massacres, enfatizando a importância de equilibrar múltiplas perspectivas e narrativas de forma sensível e respeitosa. O estudo conclui que o registro cinematográfico não apenas documentou os eventos, mas também os tornaram impossíveis de ignorar, contribuindo para a conscientização global e para a preservação da memória histórica das vítimas.

**Palavras-chave:** Massacre. Timor-Leste. Cinema. Violência. Memória Histórica.

\* Professor Adjunto da Universidade de Brasília, Faculdade de Educação. Doutor em Educação e Mestre em Ensino de Ciências pela Universidade de Brasília. E-mail: heliomaio@unb.br

 <https://orcid.org/0000-0002-8162-1137>

 <http://lattes.cnpq.br/2862635213467072>

## Cinematic Memory: Revealing the Santa Cruz Cemetery Massacre through the lens of Max Stahl

**Hélio José Santos Maia**

University of Brasília  
Brasília, Distrito Federal, Brazil

**Received:** 09<sup>th</sup> May 2024

**Approved:** 24<sup>th</sup> Nov. 2024

**Published:** 30<sup>th</sup> Apr. 2026


### Abstract

This article investigates the impact of the cinematic recording of the Santa Cruz Cemetery Massacre in Dili, Timor-Leste, which occurred in 1991, on the international visibility of the Timorese people's suffering under Indonesian rule. Through a qualitative and documentary analysis, the aim is to understand how cinematic recording serves as a historical source for the analysis of traumatic events. The research is based on personal interaction with Timorese society and bibliographic research as a methodological tool, acknowledging the difficulties in addressing these sensitive topics. Furthermore, it highlights the crucial role of cinema in documenting human rights violations and advocating for justice, especially in contexts of massacres and genocides. The article examines the role of cinematographer Max Stahl in exposing the brutalities of the Indonesian occupation in Timor-Leste, emphasizing how his footage was instrumental in raising global awareness and mobilizing international solidarity that would eventually lead to Timor's self-determination. Additionally, it discusses the challenges and possibilities of audiovisual representation of massacres, emphasizing the importance of balancing multiple perspectives and narratives in a sensitive and respectful manner. The study concludes that cinematic recording not only documented the events but also made them impossible to ignore, contributing to global awareness and the preservation of the victims' historical memory.

**Keywords:** Massacre. East Timor. Cinema. Violence. Historical Memory.

\* Adjunct Professor at the University of Brasília, Faculty of Education. PhD in Education and MA in Science Education from the University of Brasília. Email: heliomaio@unb.br

 <https://orcid.org/0000-0002-8162-1137>

 <http://lattes.cnpq.br/2862635213467072>

## Introdução

O presente trabalho nasce da convivência com a sociedade timorense a partir da sua reconstrução em diversos setores por ocasião da sua retomada de autonomia do domínio indonésio em um contexto pós-colonial. O Timor-Leste está situado na região sudeste da Ásia, sendo um país com um contexto geográfico peculiar, pois é banhado pelas águas do Oceano Pacífico ao norte e do Oceano Índico ao sul, sua localização estratégica o coloca em uma posição de interseção entre diferentes corpos d'água e regiões geográficas, com inserção no coração da Indonésia. Apesar de sua proximidade com o norte da Austrália, Timor-Leste mantém uma identidade cultural e histórica distinta, enraizada em suas próprias tradições e experiências. Além de sua geografia costeira impressionante, o país é caracterizado por uma paisagem diversificada, que varia de montanhas escarpadas a planícies costeiras. Essa topografia única influenciou não apenas o modo de vida dos habitantes, mas também sua história e política.

Ao longo dos anos, Timor-Leste enfrentou desafios significativos, incluindo o período de colonização portuguesa (1511-1975), invasão indonésia (1975-1999) e outros tantos conflitos internos até alcançar sua definitiva autonomia a partir de 2002 (Niner; Nguyen, 2022). Sua luta pela independência e soberania é uma parte fundamental de sua narrativa histórica. Durante décadas, o povo de Timor-Leste resistiu à ocupação estrangeira e lutou por autodeterminação, resultando em um capítulo importante na história contemporânea do país. Essa rica história geográfica e política proporcionou o pano de fundo para eventos como o Massacre do Cemitério de Santa Cruz em 12 de novembro de 1991, que se tornou um símbolo de resistência e luta pela justiça em Timor-Leste (Giosa, 2019). Através das lentes do cinegrafista Max Stahl (1954-2021), o mundo testemunhou as brutalidades infligidas contra manifestantes desarmados e a coragem daqueles que buscavam a verdade e a liberdade.

Os registros cinegráficos de fatos emblemáticos ao longo da história, desde o advento das primeiras experiências dos irmãos Lumière, são inúmeros, o que denota a importância desse tipo de documentação para o registro histórico. Assim, a história do cinema e da produção audiovisual está repleta de exemplos que evidenciam sua importância como veículos para denúncia de massacres, genocídios, atentados contra os direitos humanos e outras atrocidades. Desde os primórdios do cinema até os dias atuais, as imagens capturadas por cinegrafistas e documentaristas têm contribuído grandemente para a exposição de fatos, inspirando ações para a justiça e a mudança social. O ato de recontar uma história sobre tragédias humanas como massacres e genocídio também permite a recordação e o confronto com experiências extremas e são importantes para que as pessoas possam confrontar-se reflexivamente com o passado e compreender a dimensão dos crimes cometidos, bem como as suas consequências para o presente e o futuro. A recordação dessas experiências traumáticas é importante para a construção da memória coletiva e a prevenção de futuros massacres (Bohleber, 2008).

Um exemplo emblemático é o registro do Massacre de Nanquim (1937), também conhecido como o Estupro de Nanquim, durante a Segunda Guerra Mundial. Documentários e filmes históricos baseados em imagens reais capturadas por cinegrafistas ocidentais e japoneses revelaram as atrocidades cometidas pelas tropas japonesas contra a população civil chinesa em Nanquim, deixando um legado de sofrimento e trauma que ecoa até os dias de hoje (Moreira, 2021). Outro exemplo é o genocídio em Ruanda em 1994. Filmes como "Hotel Ruanda" apresentam relatos angustiantes e imagens impactantes que testemunham a brutalidade e o horror do genocídio que resultou na morte de centenas de milhares de pessoas, principalmente da etnia tutsi (Fructuozo; Fructuozo, 2016).

O registro cinematográfico tem sido utilizado para documentar violações dos direitos humanos em conflitos contemporâneos, como na Síria, onde cinegrafistas arriscam suas vidas para capturar imagens da violência indiscriminada perpetrada pelo regime sírio e outras facções em guerra, como ataques com gases tóxicos como sarin e cloro no oeste do país em 2017 (Sancha, 2017). As imagens chocantes desses eventos não apenas despertam a consciência global para as injustiças que ocorrem ao redor do mundo, mas também servem como evidências indiscutíveis em tribunais internacionais e processos de responsabilização. O conceito de 'consciência global' aqui empregado refere-se à capacidade de reconhecer e reagir a problemas que transcendem fronteiras nacionais, como defende Beck (2009) ao discutir a sociedade de risco e a interdependência global. No caso do Massacre de Santa Cruz, as filmagens de Max Stahl possivelmente promoveram essa consciência ao provocar uma resposta ética e política em escala internacional, conectando diferentes esferas de ação coletiva. Assim, o poder das imagens em movimento para narrar histórias e criar empatia tem sido fundamental para mobilizar a comunidade internacional em direção à ação humanitária e à defesa dos direitos humanos.

Destarte, a documentação visual de impacto histórico pode proporcionar a denúncia de atrocidades, contribuindo na defesa da justiça e dos direitos humanos, garantindo que as vozes daqueles que sofrem não sejam silenciadas e que a história não seja esquecida. Nesse sentido, o presente artigo é um recorte de uma pesquisa sobre os fatores que levaram ao conhecimento internacional das questões do Timor-Leste em sua luta em busca de sua autodeterminação e autonomia em relação ao domínio indonésio e busca responder o seguinte problema de pesquisa: em que medida o trabalho do registro cinegráfico de Max Stahl do Massacre do Cemitério de Santa Cruz contribuiu para a visibilidade internacional do sofrimento timorense sob o jugo indonésio? Como objetivo geral, busca-se nesse artigo entender como o registro cinegráfico tem contribuído como fonte histórica para a análise histórica de fatos.

A pesquisa que originou este artigo é de natureza qualitativa, fundamentada em uma abordagem documental e pela convivência direta com a sociedade timorense. Essa convivência permitiu observar como as filmagens de Max Stahl se consolidaram como elementos essenciais na narrativa histórica do país, sendo amplamente reconhecidas em museus e fundações presentes em Dili, capital do Timor, que destacam seu papel na luta pela

independência. Embora a pesquisa bibliográfica tenha sido uma etapa necessária para a contextualização teórica, o foco principal recaiu sobre a análise de documentos audiovisuais, que ilustram a influência do registro cinematográfico no reconhecimento internacional da causa timorense.

A História é traumática e violenta, e o cinema pode ser visto como um meio para ajudar a lembrar e transformar essa história de forma a não repetir os mesmos traumas. O audiovisual é capaz de influenciar nossas memórias e nossas percepções de eventos e realidades, sendo uma fonte importante para a documentação de agressões à dignidade humana, massacres, genocídios e violência contra populações em geral. E de modo específico, o cinema é uma forma de expressar esses traumas em uma linguagem compreensível, permitindo que as mensagens sejam transmitidas para o público mais amplo possível e tenham um impacto emocional significativo (Hagemeyer, 2012).

Uma das principais justificativas para uma pesquisa no contexto da relação entre cinema e história, especialmente no que diz respeito à documentação de atentado contra a dignidade humana, reside na importância de preservar a memória histórica e dar voz às vítimas, pois o cinema e a produção audiovisual têm o poder de capturar e preservar imagens impactantes e testemunhos visuais das atrocidades que ocorreram, bem como recriá-las com base nos relatos testemunhados. Esses registros visuais fornecem evidências tangíveis dos crimes contra os direitos humanos, que podem ser usadas para informar e educar as gerações futuras sobre os horrores do passado. Os filmes e documentários nesse campo têm o potencial de alcançar um público amplo e diversificado em todo o mundo, portanto, ao apresentar essas histórias de maneira acessível e emocionalmente envolvente, o cinema pode despertar a consciência global e mobilizar ações em prol da justiça e da responsabilização.

Assim, as evidências cinematográficas têm potencial de contribuir em processos judiciais e investigações de crimes de guerra e atentados à dignidade humana. As imagens capturadas muitas vezes auxiliam na identificação de perpetradores, ao documentar crimes e servir como prova em tribunais nacionais e internacionais, além de contribuir para a memória coletiva de modo a prevenir atrocidades futuras. Ao documentar e lembrar as violências praticadas, o cinema colabora para a construção dessa memória. O conhecimento e a compreensão do passado podem servir de alerta para se evitar que erros semelhantes sejam cometidos novamente. Ademais, a documentação cinematográfica de violência ocasionada aos seres humanos permite dar voz às vítimas e sobreviventes, possibilitando a narrativa de suas histórias e a expressão de suas experiências de maneira considerável. Isso não só é capaz de validar suas experiências, mas também contribui para sua cura e empoderamento.

Destarte, o presente artigo está estruturado em alguns tópicos que auxiliam na compreensão dos fatos que funcionam como o fio condutor para as discussões envolvidas na temática. Assim, no tópico intitulado “Um preâmbulo sobre a aceitação da documentação cinegráfica para a história” apresenta-se uma reflexão sobre a aceitação do registro cinegráfico como documento histórico, destacando os desafios enfrentados na era digital.

Inicialmente, discute-se a capacidade das imagens em refletir a verdade histórica, A seguir, explora-se como as tecnologias digitais aumentaram a manipulação da realidade, levando a uma percepção distorcida da verdade. A importância da conscientização sobre a manipulação digital e o desenvolvimento de métodos de verificação é enfatizada, bem como a responsabilidade ética dos cinegrafistas em garantir a integridade de seu trabalho. Destaca-se também a necessidade de educar o público sobre a literacia visual e promover a colaboração interdisciplinar para enfrentar os desafios da autenticação de registros cinegráficos. Apesar das dificuldades impostas pela inteligência artificial (IA) e manipulação digital, ressalta-se o papel contínuo do registro cinegráfico na documentação histórica, desde que enfrentados os desafios com abordagens inovadoras e colaborativas.

No tópico intitulado “O cinegrafista que denunciou o sofrimento de um povo” destaca-se a atuação do jornalista britânico Chrisopher Wenner, mais conhecido como Max Stahl, que ficou mundialmente reconhecido por seu trabalho em Timor-Leste. Nesse tópico se apresenta a atuação de Stahl em 1991, ao cobrir a situação política e os eventos locais para a *Yorkshire Television*, e se evidencia ainda que as atrocidades documentadas pelo jornalista tiveram um impacto significativo ao aumentar a conscientização internacional sobre a brutalidade do regime indonésio, contribuindo para mudar os rumos da história de Timor-Leste.

Em outro tópico intitulado “Impacto das Representações Audiovisuais na Prática Historiográfica, o caso de *In Cold Blood: The massacre of East Timor*” se analisa o Massacre do Cemitério de Santa Cruz em Timor-Leste, em si, ocorrido em 1991, destacando sua contextualização histórica e as tensões políticas que o antecederam, além da importância do registro cinegráfico de Max Stahl. Nesse tópico ainda se compara o massacre com outros eventos similares que passaram despercebidos devido à falta de evidências visuais, enfatizando como as filmagens de Stahl foram cruciais para despertar a consciência global e mobilizar a solidariedade internacional com Timor-Leste, evidenciando o poder da produção audiovisual como instrumento de denúncia.

Finalizando o desenvolvimento do artigo, no tópico intitulado “Desafios e Possibilidades da Representação Audiovisual de Massacres” se aborda os desafios e possibilidades da representação audiovisual de massacres, destacando a complexidade envolvida no tratamento de questões étnicas, políticas e estéticas, evidenciando o dilema dos cineastas em equilibrar múltiplas perspectivas e narrativas, enquanto lidam com eventos traumáticos que afetam profundamente as vítimas e comunidades afligidas.

## Um preâmbulo sobre a aceitação da documentação cinegráfrica para a história

No decorrer do século XX, posturas de deslumbramento e de terror diante das potencialidades das representações audiovisuais marcaram os debates acadêmicos em torno de sua produção na sociedade contemporânea. Essas posturas refletiam expectativas e angústias que já existiam há muito tempo, a antiga desconfiança da comunidade acadêmica em relação ao caráter enganador das imagens e a constituição de um modelo teórico de análise (Hagemeyer, 2012). Assim, pairam controvérsias sobre se de fato, “uma imagem vale mais que mil palavras”, frase atribuída ao filósofo chinês Confúcio (552-479). Que o diga a manipulação histórica da famosa fotografia feita pelo fotógrafo ucraniano Yevgeny Khaldei (1917-1997) da tomada de Berlim pelos soldados soviéticos durante a Segunda Guerra. A fotografia que ficou célebre mostra dois valorosos soldados soviéticos hasteando uma bandeira da União Soviética sobre o Reichstag. Na imagem um dos soldados segura pelas pernas outro soldado que porta a bandeira. Até aí, não há problemas, o soldado que segura o outro, tem em seu pulso esquerdo um relógio apenas. Todavia, na imagem original é possível observar que o soldado portava dois relógios em cada braço. Khaldei para eliminar a ideia de pilhagem remove o segundo relógio do braço direito. Afinal, a imagem representa a ideia do triunfo dos aliados sobre a barbárie nazista, não poderia ter uma mácula por menor que fosse (Youngblood, 2021).

Embora o exemplo acima seja do fim da primeira metade do século XX, em que o universo cibernético nem existia, daquela época para os dias atuais a possibilidade de manipulação de imagens de modo geral só se expandiu. Hoje, a interconexão entre a manipulação da realidade foi grandemente facilitada pelas tecnologias digitais e o uso da IA. O adágio popular “quem conta um conto, aumenta um ponto” destaca a preocupação com a distorção da verdade e a percepção subjetiva da realidade. Assim como o adágio sugere que histórias podem ser exageradas ou distorcidas à medida que são passadas de pessoa para pessoa, as tecnologias digitais atuais ampliam essa possibilidade ao permitir a manipulação direta de imagens e vídeos. A disseminação de informações falsas e a manipulação de conteúdo visual contribuem para uma narrativa distorcida da realidade (Domínguez-Rigo, 2020), na qual a linha entre o que é autêntico e o que é fabricado se torna cada vez mais tênue.

Nesse sentido, a manipulação da realidade pelas tecnologias digitais reflete uma evolução contemporânea do fenômeno descrito pelo adágio referido acima. Assim como a história pode ser distorcida através da oralidade, agora ela pode ser distorcida através de edição digital, filtros de imagem e outras técnicas de manipulação (Berariu; Peterlicean, 2023). Essa interconexão ressalta a importância de abordar criticamente tanto as narrativas históricas quanto as representações visuais, promovendo o desenvolvimento de habilidades de análise e discernimento para diferenciar entre o que é autêntico e o que é fabricado. Isso demanda uma maior conscientização sobre as técnicas de manipulação digital e um

compromisso renovado com a busca pela verdade e pela integridade nas narrativas históricas e na comunicação contemporânea.

No contexto atual, a validação do registro cinegráfico como documentação histórica enfrenta desafios significativos, especialmente com o avanço e popularização da IA e das técnicas de manipulação e alteração artificial da realidade. Enquanto o cinema e a produção audiovisual continuam a serem fontes valiosas de documentação histórica, a disseminação de tecnologias digitais cada vez mais sofisticadas levanta questões sobre a autenticidade e confiabilidade das imagens em movimento (Breitsohl, 2022). Por certo, no processo de recriação de fatos históricos como massacres e genocídios, o cinema recorre aos recursos tecnológicos disponíveis, mas, a preservação da autenticidade quando o fato histórico é recriado, depende muitas vezes das intencionalidades da obra cinematográfica. Não é à toa que em muitas obras que tentam retratar um momento histórico se alerta para o fato de que aquela obra é baseada em fatos. Isso por si só, exime os criadores da responsabilidade com a autenticidade do fato a ser mostrado. Ainda mais com o advento da IA e outras tecnologias digitais, que tornou ainda mais fácil manipular e alterar imagens em movimento. Isso levanta preocupações sobre a preservação da autenticidade das imagens históricas e a capacidade de distinguir entre o que é genuíno e o que é fabricado.

Portanto, diante da proliferação de conteúdo digital manipulado, é essencial desenvolver métodos robustos de verificação e autenticação de registros cinegráficos. Isso pode envolver o uso de técnicas forenses digitais, análise de metadados e colaboração com especialistas em tecnologia e história. Ademais, os cinegrafistas e documentaristas têm a responsabilidade ética de garantir a precisão e a integridade de seu trabalho. Isso significa ser transparente sobre quaisquer edições ou manipulações realizadas e aderir a padrões éticos reconhecidos pela comunidade cinematográfica. Mas, há a necessidade também do que Domínguez-Rigo (2020) denomina por alfabetização visual do público, que não se limita apenas à correta leitura e compreensão de imagens, mas abrange também a produção de significados através de criação de imagens e da utilização dos diversos elementos da linguagem visual. Conhecer a linguagem visual e suas possibilidades gera uma série de capacidades destinadas a aumentar a postura reflexiva e crítica em relação ao consumo visual.

Portanto, é fundamental que o público em geral seja educado sobre as técnicas de manipulação de imagens de modo a se promover a literacia visual para que as pessoas possam discernir entre imagens autênticas e fabricadas. Isso por certo envolve programas de educação pública, campanhas de conscientização e iniciativas de alfabetização visual. Uma vez que abordar os desafios da validação do registro cinegráfico como documentação histórica requer uma integração interdisciplinar em que o público também seja inserido junto aos historiadores, cineastas, especialistas em tecnologia e outros profissionais relevantes. A colaboração entre todos pode ajudar a desenvolver melhores práticas e padrões para a documentação e preservação de registros cinegráficos.

Para Domínguez-Rigo (2020), a alfabetização visual deve ser exigida e fornecida a todos, pois o consumo de imagens é irrestrito e essa alfabetização é imprescindível para avaliar o conteúdo informativo das imagens. Com a proliferação de imagens na sociedade atual, essa alfabetização se tornou uma habilidade fundamental para diferenciar imagens verdadeiras daquelas que são manipuladas, interpretar corretamente as imagens e compreender a mensagem que elas transmitem. Isso é essencial porque as imagens para além de influir na forma como percebemos o mundo e o meio ambiente, também moldam nossos valores e crenças, e é importante ser crítico e reflexivo em relação à maneira como usamos e consumimos as imagens.

Desse modo, a relação entre o letramento visual e o registro aqui tratado do Massacre do Cemitério de Santa Cruz reside na capacidade das imagens de Max Stahl de educar e sensibilizar o público para a gravidade das violações cometidas. No contexto do massacre, a alfabetização visual permite que os espectadores interpretem criticamente as imagens capturadas, compreendendo-as não apenas como documentos históricos, mas também como ferramentas de denúncia e mobilização. Essa competência é essencial para distinguir os elementos de intencionalidade na composição das imagens, como os enquadramentos escolhidos por Stahl, que ressaltam o sofrimento humano e a brutalidade da repressão. Portanto, o letramento visual auxilia na preservação da autenticidade das memórias associadas às imagens, impedindo que a manipulação digital ou a desinformação distorçam seu significado histórico.

No âmbito das discussões sobre letramento visual, é importante salientar que apesar dos desafios apresentados pela IA e pela manipulação digital, para um público preparado para discernir entre o que autêntico e o que é manipulado, o registro cinegráfico continua a exercer ação importante na documentação histórica. Ao enfrentar esses desafios de frente e adotar abordagens inovadoras para verificar a autenticidade das imagens, pode-se garantir que o cinema e a produção audiovisual continuem a ser fontes confiáveis de conhecimento histórico para as gerações futuras.

## **O cinegrafista que denunciou o sofrimento de um povo**

O jornalista Christopher Wenner, que ficou mundialmente conhecido como Max Stahl, nasceu no Reino Unido em 1954 e faleceu em Brisbane na Austrália aos 66 anos em 2021.<sup>1</sup> Em 1991 Stahl estava em Timor-Leste em novembro para cobrir a situação política e os acontecimentos na região para uma TV independente a *Yorkshire Television*. Pretendia,

---

1 Notícia do falecimento de Max Stahl pode ser vista em *RTP Notícias*. Disponível em: [https://www.rtp.pt/noticias/mundo/massacre-de-santa-cruz-ha-30-anos-um-gemido-timorense-quebrou-o-silencio-do-mundo\\_es1362584](https://www.rtp.pt/noticias/mundo/massacre-de-santa-cruz-ha-30-anos-um-gemido-timorense-quebrou-o-silencio-do-mundo_es1362584). (Acesso em: 6 maio 2024).

sobretudo, documentar as condições de vida sob a ocupação indonésia e as atividades da resistência timorense. Em suas atividades jornalísticas nesses dias de novembro resolveu cobrir um protesto pacífico de estudantes timorenses que ocorreria no dia 12. Tinha conhecimento prévio dos eventos que estavam ocorrendo em Timor-Leste naquele momento, incluindo a crescente agitação política e as tensões entre a população timorense e as autoridades indonésias. Stahl provavelmente decidiu cobrir o protesto no Cemitério de Santa Cruz devido à sua importância simbólica e ao potencial de atrair a atenção internacional para a situação em Timor-Leste.

O protesto representava uma oportunidade para documentar a resistência pacífica do povo timorense contra a ocupação indonésia e o desrespeito aos direitos humanos que estavam ocorrendo na região. Como resultado de sua presença e de suas filmagens, Stahl conseguiu capturar imagens chocantes do massacre que se seguiu, fornecendo evidências contundentes da violência cometidas pelas forças indonésias. Seu trabalho teve um impacto significativo ao expor a brutalidade do regime indonésio em Timor-Leste e aumentar a percepção internacional sobre a situação no país. Seu registro cinegráfico correu o mundo e contribuiu para mudar os rumos da história do Timor-Leste, uma vez que representou uma flagrante denúncia que lançou luzes sobre a situação de repressão, massacres e torturas da população timorense sobre o domínio indonésio. Foi por ocasião do seu retorno ao Timor já no ano de 1999, que adota o nome Max Stahl, do qual nunca mais se separou, como uma forma de proteção e segurança.

Antes do registro cinegráfico de Stahl, a opinião pública mundial, ou desconhecia a causa do Timor, ou apenas sabia informações superficiais a respeito. O protesto representava uma oportunidade para documentar a resistência dos timorenses contra a ocupação indonésia e os atos violentos cometidos contra o povo naquela região. Como resultado de sua presença e de suas filmagens, Stahl conseguiu capturar imagens estarrecedoras do massacre que se seguiu, fornecendo evidências incontestáveis da brutalidade das forças indonésias contra os timorenses. Seu trabalho, o documentário intitulado *In Cold Blood: The massacre of East Timor*,<sup>2</sup> teve um impacto significativo ao expor o barbarismo do regime indonésio em Timor-Leste, dando visibilidade internacional às causas timorenses.

---

2 O documentário produzido por Max Stahl pode ser gratuitamente no *YouTube*. Disponível em: [https://youtu.be/\\_k8V5tS-9ps?si=fbH3vT0QgqJ63uq](https://youtu.be/_k8V5tS-9ps?si=fbH3vT0QgqJ63uq). Acesso em: 6 jan. 2025.

## **Análise do Massacre do Cemitério de Santa Cruz no Timor-Leste através dos Registros de Max Stahl**

O Massacre do Cemitério de Santa Cruz em Dili, Timor-Leste, ocorreu em 12 de novembro de 1991 e foi desencadeado por uma série de eventos e tensões políticas que culminaram em um protesto pacífico que foi brutalmente reprimido pelas autoridades indonésias. O contexto para o massacre remonta à ocupação indonésia de Timor-Leste, que começou em 1975 após a retirada colonial portuguesa por ocasião da Revolução dos Cravos em Portugal. Durante décadas, a população de Timor-Leste enfrentou repressão, violência e abusos dos direitos humanos por parte das forças indonésias.

Segundo Mason (2017, p. 254),

De acordo com o livro *Funu*, de Ramos-Horta, cerca de 200.000 timorenses morreram entre 1975 e 1981, parcialmente devido a atos de guerra, mas substancialmente por “uma estratégia deliberada de fome através da destruição de cultivos de grãos e de contínuas operações militares que deixaram a população incapaz de cultivar a terra”. Milhares mais pereceram mais tarde na ocupação indonésia. O Timor-Leste voltou à atenção mundial durante uma grande cobertura televisiva do “massacre de Dili” – um ataque das tropas indonésias em 1991 a uma assembleia desarmada no cemitério de Santa Cruz na capital do território, que resultou em cerca de 300 mortes – e da concessão do Prêmio Nobel da Paz a Ramos-Horta e ao bispo de Dili, Carlos Belo.

Barbedo de Magalhães (2007) narra os antecedentes do Massacre do Cemitério de Santa Cruz, destacando a estratégia da Resistência Timorense, liderada por Xanana Gusmão, em despertar a consciência mundial para a situação em Timor-Leste. O autor ressalta a importância de manifestações organizadas durante visitas de figuras proeminentes e a presença de jornalistas capazes de dar voz às vozes silenciadas do povo timorense. Descreve ainda o contexto do massacre, iniciado com o assassinato do jovem Sebastião Gomes e a subsequente romaria ao cemitério em sua homenagem. “Desta vez, o pretexto para a manifestação foi uma romagem ao túmulo do jovem Sebastião Gomes, assassinado por um grupo de ‘ninjas’ e militares indonésios na Igreja de Sto. António de Motael em 28 de outubro” (Barbedo de Magalhães, 2007, p. 401).

Jornalistas americanos testemunharam o massacre, no qual centenas de manifestantes desarmados são brutalmente mortos por soldados indonésios. Segundo Barbedo de Magalhães (2007, p. 402),

Dois jornalistas americanos, Alan Naim (*The New Yorker*) e Amy Goodman (da Rádio WBAI), temendo o pior, colocaram-se entre a multidão e os soldados indonésios, mostrando as suas câmeras fotográficas e gravadores, com a esperança de que a presença de jornalistas estrangeiros dissuadisse os militares de usar a violência. Mas foram espancados e testemunharam, estarecidos, o massacre de centenas de manifestantes, totalmente desarmados e pacíficos. Não houve uma única ordem de dispersar, nem qualquer aviso por parte dos soldados indonésios. Durante alguns minutos, espingardas metralhadoras M16 de fabrico americano (ou produzidas com licença americana) descarregaram as suas balas sobre a multidão indefesa. Os soldados recarregaram as armas e dispararam novamente. Muitos timorenses fugiram ou esconderam-se por trás das pedras tumulares. Outros não tiveram tempo de o fazer e foram feridos ou mortos. Os jornalistas americanos foram barbaramente maltratados. Provavelmente não foram mortos por terem gritado que eram americanos. Outros jornalistas foram detidos e espancados e ficaram sem os seus filmes e sem suas notas manuscritas. (Grifos do autor).

O autor denuncia ainda a violência indiscriminada e a falta de prestação de contas por parte das autoridades indonésias, que ocultaram os nomes dos mortos e feridos e impediram que suas famílias tivessem acesso a eles. Segundo ainda Barbedo de Magalhães (2007) o massacre resultou na morte de mais de 270 timorenses, mas outros prisioneiros foram abatidos dias depois.

Dez pessoas que assistiram a esse segundo massacre foram mortas dois dias depois. E como houvesse algumas pessoas que viram essa terceira vaga de assassinatos, em 18 de novembro, foram mortas mais sete pessoas, incluindo uma criança de quatro anos e um bebé de um ano. (Barbedo de Magalhães, 2007, p. 402).

Barbedo de Magalhães (2007) descreve os desdobramentos após o Massacre do Cemitério de Santa Cruz destacando o perfil das vítimas, em sua maioria estudantes com menos de vinte anos, e os relatos de tortura sofridos pelos detidos. O autor cita o General Try Sutrisno para contextualizar a justificativa do massacre por parte das Forças Armadas Indonésias, que visavam "esmagar" qualquer oposição. Ele menciona também a reação internacional, incluindo manifestações de solidariedade e protestos, bem como a pressão exercida por países como os Estados Unidos, Austrália e Holanda sobre o governo indonésio. A investigação subsequente, liderada por uma Comissão de Inquérito, foi criticada por sua falta de imparcialidade e credibilidade, resultando em uma revisão do número de mortos,

que inicialmente foi subestimado. Os responsáveis pelo massacre foram despromovidos e transferidos, mas a resposta internacional persistiu, com países suspendendo a ajuda à Indonésia e exigindo uma prestação de contas mais rigorosa.

A ação desempenhada por Max Stahl como autor das filmagens que expuseram a situação em Timor-Leste para o mundo é evidenciada por Barbedo de Magalhães (2007), destacando que essas imagens claras e chocantes do massacre de Santa Cruz, habilmente capturadas e contrabandeadas por Stahl para fora do país, foram essenciais para despertar a consciência global sobre a brutalidade da ocupação indonésia. O autor salienta que, graças ao trabalho jornalístico de Stahl e outros, as imagens do massacre não foram ocultadas nem ignoradas, como acontecera com os eventos anteriores. Pelo contrário, foram amplamente divulgadas por jornalistas de várias nacionalidades, contribuindo para o despertar de uma parte significativa da opinião pública mundial para a realidade da violência em Timor-Leste. Essas filmagens, juntamente com os testemunhos de jornalistas estrangeiros, ajudaram a internacionalizar a luta do povo timorense pela autodeterminação e justiça. Stahl, ao expor os horrores do massacre, foi de extrema importância na divulgação da verdade produzindo eco mundial das questões do Timor-Leste.

O que chama a atenção é o fato do Massacre do Cemitério de Santa Cruz não ter sido o único ou o mais grave. Muitos outros anteriores foram realizados, mas não tiveram visibilidade, pois não havia prova material e testemunhas eram também executadas. Barbedo de Magalhães (2007, p. 404-405) cita alguns outros massacres nessa condição:

Para trás, ficavam muitos outros massacres de proporções semelhantes ou ainda piores do que o de Santa Cruz, como o de Kraras, em Agosto de 1983, o do Monte de Santo António, em Lacluta, em Setembro de 1981, os provocados pelos raids aéreos, feitos com aviões Bronco OV-10 fornecidos pelos americanos, em 1977, 1978 e 1979 no Monte Matebian e em muitos outros lugares através do território. Graças à coragem e à inteligência de alguns jornalistas, o massacre de Santa Cruz não ficou escondido, por baixo de um manto de silêncio, e ignorado, como tinha acontecido a todos os outros anteriores. Foi filmado, fotografado, gravado e contado por jornalistas de várias nacionalidades e dado a conhecer em muitos países, contribuindo assim para o despertar de uma parte significativa da opinião pública mundial para a realidade da ocupação indonésia e da sua imensa crueldade.

Não restam dúvidas sobre a importância da cinematografia como instrumento de denúncia capaz de expor atrocidades e atentados à dignidade humana para o público internacional. Ao mencionar outros massacres anteriores que permaneceram desconhecidos ou ignorados pela falta de evidências visuais, Barbedo de Magalhães (2007) ressalta como o

massacre de Santa Cruz foi diferente. Graças à coragem e inteligência de jornalistas como Max Stahl que filmaram, fotografaram e gravaram os eventos, o massacre não foi encoberto pelo silêncio, como tantos outros antes dele. Essas imagens foram compartilhadas em todo o mundo, despertando a consciência de uma parte significativa da opinião pública para a brutalidade da ocupação indonésia em Timor-Leste. Portanto, o registro cinegráfico não apenas documentou os eventos, mas também os tornou impossíveis de ignorar, despertando a indignação global em busca por justiça.

### **Impacto das Representações Audiovisuais na Prática Historiográfica, o caso de *In Cold Blood: The massacre of East Timor***

Na produção cinematográfica destinada a contar um fato histórico, a sensibilidade do cinegrafista em capturar imagens autênticas é apenas o primeiro passo. Além disso, a organização cuidadosa dessas imagens ocupa um papel significativo na narrativa do evento. Nesse sentido, os recursos de edição e a estruturação de um roteiro bem elaborado podem fazer toda a diferença na qualidade e impacto da produção (Duarte, 2009). A edição cinematográfica não se limita apenas a montar sequências de imagens, mas envolve selecionar os melhores momentos, estabelecer a atmosfera adequada e criar uma narrativa coesa que transmita a essência do evento histórico. Um bom roteiro fornece o arcabouço necessário para essa narrativa, guiando o espectador através dos acontecimentos de forma envolvente e significativa (Edgar-Hunt; Marland; Rawle, 2013).

Ao utilizar recursos de edição, como cortes precisos, transições fluidas, efeitos visuais e sonoros, é possível criar uma experiência cinematográfica imersiva que transporta o espectador para o contexto histórico em questão (Edgar-Hunt; Marland; Rawle, 2013). A música, a fotografia e outros elementos estéticos também desempenham um papel importante na criação da atmosfera e na comunicação das emoções associadas ao evento. Da mesma forma, a estruturação narrativa do roteiro permite que a produção cinematográfica transmita não apenas os fatos históricos, mas também os significados e as interpretações por trás deles. Um roteiro bem elaborado pode destacar os pontos-chave do evento, explorar os motivos e as consequências, e provocar reflexões sobre o impacto histórico e social do que está sendo retratado.

Diante disso e trazendo para o recorte aqui retratado, o Massacre do Cemitério de Santa Cruz em Dili, Timor-Leste e a denúncia internacional produzida pelo documentário de Stahl, um questionamento surge: toda elaboração dos cortes, dos recursos de edição, a narrativa construída em um roteiro, de certa forma não prepara uma visão de mundo sob a ótica do oprimido? No documentário não há nenhum posicionamento dos representantes dos opressores indonésios, isso de certa forma não é algo tendencioso? Em resposta a esses questionamentos, de fato a elaboração dos recursos de edição e a construção narrativa de um documentário são capazes de influenciar a visão do espectador sobre os eventos

retratados e esses elementos podem moldar uma perspectiva específica, muitas vezes sob a ótica do oprimido, conforme determinado pelo cineasta. Segundo Edgar-Hunt, Marland, Rawle (2013), de acordo com a abordagem semiótica dos autores de uma produção cinematográfica, a escolha das técnicas de edição e a utilização das imagens em um documentário ou filme, incluindo a narrativa, têm potencial de criar uma versão subjetiva da história que reflete a perspectiva ou ponto de vista de quem a produziu.

Para uma análise mais aprofundada do documentário *In Cold Blood: The Massacre of East Timor*, é fundamental considerar a forma e o conteúdo da obra em articulação com seu contexto de produção e consumo. O documentário tece intrinsecamente sua forma e conteúdo com o contexto sociopolítico da luta do Timor-Leste pela independência, capturando as realidades brutais da ocupação indonésia, destacando os atentados contra a dignidade humana enfrentados pelo povo timorense. Esse contexto torna-se essencial para não apenas informar a narrativa do documento, mas também molda sua recepção e impacto na consciência internacional sobre a situação do Timor.

O trabalho de Stahl teve como objetivo chamar a atenção global para as atrocidades que ocorrem no Timor-Leste, aproveitando o poder da narrativa visual para evocar empatia e ação (Berlie, 2018). O documentário emprega uma forma estruturada que enfatiza o engajamento emocional, usando imagens nítidas e testemunhos pessoais para transmitir a gravidade da situação. Essa estratégia aprimora o conteúdo, tornando o documentário não apenas um relato histórico, mas uma chamada à ação contra os abusos aos direitos humanos (Inbaraj; Bello, 1994). *In Cold Blood*, foi originalmente exibido na televisão britânica e em outras emissoras europeias, além de organizações de direitos humanos. Embora o documentário tenha destacado efetivamente as lutas do Timor-Leste, também enfrentou críticas em relação ao retrato dos eventos, sugerindo que o enquadramento de tais narrativas pode influenciar a percepção pública e as respostas políticas (Devos, 2001). Isso ressalta a complexa interação entre a forma, o conteúdo e o contexto sociopolítico do documentário.

A narrativa construída no filme tende a destacar as experiências e o sofrimento do povo timorense, sem oferecer uma plataforma para os representantes dos opressores indonésios expressarem suas perspectivas. Essa abordagem pode ser considerada tendenciosa, uma vez que não fornece uma representação equilibrada de todas as partes envolvidas nos eventos históricos. A ausência de pontos de vista alternativos ou contraditórios, por certo, reforça uma visão unidimensional da situação e limita a compreensão completa dos fatores em jogo. Porém, é importante reconhecer que documentários como este frequentemente surgem em resposta a narrativas dominantes que tendem a minimizar ou ignorar as injustiças e sofrimentos enfrentados pelos oprimidos ou em função do silenciamento que sofrem pela máquina hegemônica de dominação. Assim, eles servem como uma forma de dar voz aos que foram silenciados e de expor a verdade sobre atos de opressão e desumanidade.

Além disso, é essencial considerar o contexto em que o documentário foi produzido. Em muitos casos, os cineastas enfrentam desafios significativos ao tentar obter acesso às perspectivas dos opressores ou garantir uma representação equilibrada dos eventos. Restrições governamentais, censura, preocupações com a segurança e outras barreiras podem dificultar a obtenção de uma gama completa de pontos de vista. Assim, embora seja importante reconhecer a possibilidade de tendenciosidade em documentários como este, e isso permite uma análise crítica, também é fundamental avaliar o contexto e os objetivos do filme ao considerar sua validade como instrumento histórico. Por certo, o risco de morte que Stahl correu e todo seu empenho, contribuíram para a autonomia do Timor que só iniciaria em 1999, sendo estabelecida definitivamente em 2002. Em reconhecimento o Estado timorense pós-colonial e autônomo, além de lhe conceder nacionalidade timorense,<sup>3</sup> o condecorou com o Colar da Ordem da Liberdade, a maior láurea que pode ser conferida a uma pessoa em Timor-Leste.

Mas retornando às questões sobre a validade de um documentário produzido em condições tão adversas, como o fez Max Stahl com "*In Cold Blood: The Massacre of East Timor*", como um instrumento histórico contra as atrocidades que ocorriam com os timorenses, pode-se dizer que essa validade tem potencial de ser garantida por fatores como o apanhado de evidências tangíveis, uma vez que o documentário apresenta imagens reais do massacre, capturadas no momento em que os eventos ocorreram. Essas imagens têm um impacto poderoso e inegável na consciência pública, fornecendo uma visão direta e autêntica dos acontecimentos. Em acréscimo, o documentário está eivado de testemunho direto. Stahl comprovou pessoalmente o massacre e outros jornalistas também documentaram os eventos em tempo real. Esses testemunhos diretos aumentam a credibilidade do documentário e confirmam a autenticidade das imagens e relatos apresentados.

Embora em estados repressores, a censura e o controle do que deve ser veiculado não permitam outras abordagens para além das oficiais, o documentário de Stahl foi verificado e corroborado por outras fontes, incluindo testemunhas oculares, relatórios de organizações de direitos humanos e investigações independentes. A confirmação independente das informações apresentadas, por certo, aumentou a confiabilidade e a validade do documentário, situando os eventos do massacre no contexto mais amplo da ocupação indonésia em Timor-Leste e das lutas pela independência. Isso auxilia no entendimento das motivações por trás das atrocidades e destaca a injustiça sistêmica enfrentada pelo povo timorense. O impacto do documentário, tanto em termos de conscientização pública quanto de consequências políticas, serve como evidência de sua validade histórica. O documentário contribuiu significativamente para aumentar a pressão internacional sobre a Indonésia e para promover a causa da independência de Timor-Leste.

---

3 Notícia sobre essa naturalização timorense de Max Stahl pode ser vista no portal *ZAP.aeiou*. Disponível em: <https://zap.aeiou.pt/timor-nacionalidade-max-stahl-reconhecido-libertacao-pais-296292>. (Acesso em: 6 jan. 2025).

Segundo Ramos (2021, s/p.), “ao contrário de outros massacres anteriores, perpetrados durante a ocupação indonésia, o de Santa Cruz mudou a história quando as imagens correram mundo. Ali estava a prova da repressão indonésia que muitos queriam ignorar apesar das denúncias”. Assim, a validade do documentário *In Cold Blood: The Massacre of East Timor* enquanto instrumento histórico contra as atrocidades em Timor-Leste é assegurada pela autenticidade das evidências apresentadas, pelo testemunho direto do cinegrafista, pela verificação independente das informações, além do contexto histórico e social fornecido, bem como pelo impacto e as consequências observados em decorrência de sua divulgação.

A reflexão sobre o impacto das imagens capturadas por Max Stahl requer também problematizar a suposta fidedignidade do registro cinematográfico. Como argumenta Sontag (2003), fotografias e filmagens, não apenas documentam, mas também interpretam a realidade, moldando sua recepção pelo público por meio de enquadramentos, escolhas narrativas e contextos de exibição. No caso do documentário *In Cold Blood*, as imagens não são apenas um retrato objetivo do massacre, mas uma montagem com intencionalidade política e emocional, que amplifica o sofrimento humano e convoca a solidariedade internacional. Essa montagem, ao criar um impacto visual e ético, também simplifica e direciona a interpretação, gerando uma ilusão de consenso sobre os eventos retratados e seus significados.

Em convivência com os timorenses e em mais de 30 anos após o Massacre do Cemitério de Santa Cruz, é perceptível por meio de conversas e depoimentos, que a sociedade continua a lidar com as imagens de Max Stahl de forma complexa, marcada por sentimentos ambíguos de reconhecimento e receio. Embora essas imagens sejam amplamente aceitas como fundamentais para a visibilidade internacional da luta pela autodeterminação de Timor-Leste, há entre os timorenses um comportamento de evitação em relação a discussões mais críticas sobre o tema. Essa postura reflete uma espécie de tabu cultural, em que a verbalização explícita dos eventos é evitada para impedir o que é percebido como mal agouro, mantendo uma reverência silenciosa em respeito às vítimas e à gravidade do ocorrido. Essa dinâmica ressalta a profundidade do trauma histórico coletivo e a delicadeza com que o tema é tratado internamente, contrastando com a narrativa internacional amplamente difundida.

## **Desafios e Possibilidades da Representação Audiovisual de Massacres**

A representação audiovisual de massacres apresenta uma série de desafios e possibilidades complexas, especialmente quando se trata de lidar com questões étnicas, políticas, estéticas e cognitivas em tensões profundamente enraizadas. Os cineastas podem enfrentar desafios ao equilibrar múltiplas perspectivas e narrativas em torno dos eventos,

especialmente quando há disputas históricas sobre responsabilidades e interpretações dos massacres. No entanto, a captura audiovisual possivelmente oferece uma plataforma para ampliar vozes marginalizadas e desafiar narrativas dominantes. Os massacres são eventos traumáticos que afetam profundamente as vítimas, sobreviventes e comunidades afetadas (Çiçek, 2022). Em função desses elementos os cineastas enfrentam o desafio de representar o trauma de maneira respeitosa e sensível, evitando a exploração sensacionalista do sofrimento humano. Ao mesmo tempo, o trabalho na produção audiovisual oportuniza dar protagonismo às vivências dos sobreviventes por meio do compartilhamento de suas experiências, promovendo a cura e a reconciliação.

Todavia, a concepção estética de massacres pode variar significativamente, dependendo das escolhas do cineasta em relação ao estilo visual, direção de arte e cinematografia. O desafio está em encontrar uma estética que seja autêntica e emocionalmente envolvente, sem glorificar ou romantizar a violência. Assim, a representação estética cuidadosa possivelmente auxilia na transmissão da gravidade dos eventos, criando uma conexão emocional com o público. Outro desafio diz respeito a como o registro audiovisual de massacres se reflete no modo como o público processa e compreende acontecimentos traumáticos. Os cineastas precisam considerar como suas escolhas narrativas e estilísticas podem afetar a percepção e interpretação do público sobre as ocorrências retratadas. A representação cuidadosa e precisa dos fatos históricos contribuem para aumentar a compreensão e conscientização sobre as injustiças e atrocidades cometidas. Desse modo pode-se dizer que a representação audiovisual de massacres é um território complexo e delicado, com desafios significativos, mas, servem como uma ferramenta poderosa para aumentar a conscientização, promover a justiça e preservar a memória das vítimas.

Outro aspecto a se levar em consideração, diz respeito à articulação entre o tema do letramento visual tratado acima e o registro de massacres. Essa articulação reside na capacidade do espectador contemporâneo de interpretar imagens históricas em um contexto digital saturado por manipulações. No caso do Massacre de Santa Cruz, a análise da gravação de Max Stahl exige a consideração dos limites éticos e das intenções do cinegrafista na construção da narrativa. Além disso, o debate sobre IA nos lembra que, embora o registro do massacre tenha ocorrido em 1991, as técnicas atuais de manipulação digital reforçam a necessidade de metodologias rigorosas para autenticar imagens históricas e preservar sua integridade como testemunhos visuais de eventos traumáticos.

## **Conclusão**

Por tudo que se evidenciou nesse artigo é possível concluir que o problema de pesquisa, que questionava em que medida o trabalho do registro cinegráfico de Max Stahl do Massacre do Cemitério de Santa Cruz contribuiu para a visibilidade internacional do

sofrimento timorense sob o jugo indonésio, foi respondido. As evidências documentais e o desvelo com que a sociedade timorense passou a tratar Stahl não deixam dúvidas. Assim, pode-se mencionar que o estudo revelou que o registro cinegráfico desse evento contribuiu para a exposição da brutalidade da ocupação indonésia em Timor-Leste, provocando um engajamento internacional em torno da causa timorense. As imagens chocantes do massacre, capturadas e enviadas clandestinamente por Stahl para fora do país, produziram impacto transnacional sobre o Timor-Leste. Diante disso, é possível dizer que o objetivo de entender como o registro cinegráfico tem contribuído como fonte histórica para a análise histórica de fatos também foi atingido, uma vez que se evidenciou que esses registros não apenas documentam os eventos, mas também os tornam impossíveis de ignorar. As imagens, juntamente com os relatos dos jornalistas estrangeiros, ajudaram a internacionalizar a luta do povo timorense pela autodeterminação e justiça, fornecendo uma fonte para a análise histórica dos eventos. A preservação dessas imagens e testemunhos não só contribuíram para a memória das vítimas, mas também para a compreensão mais profunda das injustiças e atrocidades cometidas durante a ocupação indonésia.

Portanto, os resultados deste estudo demonstram a importância do registro cinegráfico como uma ferramenta para aumentar a conscientização, promover a justiça e preservar a memória histórica. A contribuição de Max Stahl e outros jornalistas na documentação e divulgação dos eventos em Timor-Leste destaca o papel fundamental que o jornalismo visual desempenha na denúncia de violações dos direitos humanos e na busca por justiça global.

## Referências

BARBEDO DE MAGALHÃES, António. *Timor-Leste - Interesses Internacionais e actores locais*. Vol. 2: A luta pela independência, 1974-1999. Porto: Afrontamento, 2007.

BECK, Ulrich. *World Risk Society*. Cambridge: Polity Press, 2009.

BERARIU, Elena Cristina; PETERLICEAN, Andrea. Techniques of manipulation in political discourse. *Philology and Cultural Studies*, v. 16 (65), n. 1, p. 69-78, 2023.

BERLIE, Jean A. A Socio-Historical Essay: Traditions, Indonesia, Independence, end Elections. p. 1-32. In: BERLIE, Jean A. (eds). *East Timor's Independence, Indonesia and ASEAN*. Cham, Switzerland: Palgrave Macmillan, 2018.

BOHLEBER, Werner. Recordação, trauma e memória coletiva: a luta pela recordação em psicanálise. *Revista de Psicanálise da SPPA*, v. 15, n. 1, p. 35-65, abr. 2008.

BREITSOHL, Louis Levi. Bearing Witness in Analog and Digital Witness Films: Ethical Aesthetics in Shoah [1985] and Waltz with Bashir [2008]. *Genealogy*, v. 6, n. 14, p. 1-18, 2022.

ÇIÇEK, Berfin. Telling the Memories of a Massacre: Testimonies from Dersim's 38. p. 26-33. In: AHM Conference 2022: Witnessing, Memory, and Crisis. Amsterdam: Amsterdam University Press, 2022.

DEVOS, Rafael. Quando a câmera "vira personagem": ponto de vista em movimento na busca de imagens do outro em documentários etnográficos. *ILUMINURAS*, Porto Alegre, v. 2, n. 3, 2001.

DOMÍNGUEZ-RIGO, Miguel. La alfabetización visual como defensa ante las noticias falsas. *Revista de Estilos de Aprendizaje/Journal of Learning Styles*, v. 13, n. 26, p. 85-03, 2020.

DUARTE, Rosália. *Cinema & Educação*. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

EDGAR-HUNT, Robert; MARLAND, John; RAWLE, Steven. *A linguagem do cinema*. Porto Alegre: Bookman, 2013.

FRUCTUOZO, Ligia Maria Lario; FRUCTUOZO, Vinicius Lario. Hotel Ruanda: uma lição para não esquecer. In: BERTONCINI, Carla; MINICHIELLO, André Luiz Ortiz; ALMEIDA, Leonardo Góes de (Org.). *Direito e Cinema Temático em Debate*. Anais do II Simpósio Regional Direito e Cinema em Debate. Jacarezinho, PR: UENP; Projuris, 2016.

GIOSA, Pierpaolo De. Commemorating The Santa Cruz Massacre in Dili, Timor-Leste. *Visual Ethnography*, v. 8, n. 1, p. 83-97, 2019.

HAGEMEYER, Rafael Rosa. *História & Audiovisual*. Belo Horizonte: Autêntica, 2012.

INBARAJ, Sonny; BELLO, Walden. *East Timor: Blood and Tears in ASEAN*. Chiang Mai, Thailand: Silkworm, 1995.

MASON, Colin. *Uma breve História da Ásia*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2017.

MOREIRA, Maria Gabriela. "John Rabe": representação cinematográfica do Massacre de Nanquim. In: BUENO, André (Org.). *Mundos em Movimento: Orientalismos*. Rio de Janeiro: Projeto Orientalismo/UERJ, 2021.

NINER, Sara; NGUYEN, Therese Thi P. Tam. TIMOR-LESTE: Substantive Representation of Women Parliamentarians and Gender Equality. In: JOSHI, Devin k.; ECHLE, Cristian (Ed.). *Substantive Representation of Women in Asian Parliaments*. London: Routledge, 2022.

RAMOS, Graça Andrade. Massacre de Santa Cruz. Há 30 anos um gemido timorense “quebrou o silêncio” do mundo. *RTP Notícias*, 12 nov. 2021. Disponível em: [https://www.rtp.pt/noticias/mundo/massacre-de-santa-cruz-ha-30-anos-um-gemido-timorense-quebrou-o-silencio-do-mundo\\_es1362584](https://www.rtp.pt/noticias/mundo/massacre-de-santa-cruz-ha-30-anos-um-gemido-timorense-quebrou-o-silencio-do-mundo_es1362584). Acesso em: 6 maio 2024.

SANCHA, Natalia. Ataque químico causa matança na zona rebelde síria. *El País*, 5 abr. 2017. Disponível em: [https://brasil.elpais.com/brasil/2017/04/04/internacional/1491292477\\_793091.html](https://brasil.elpais.com/brasil/2017/04/04/internacional/1491292477_793091.html). Acesso em: 2 abr. 2024.

SONTAG, Susan. *Diante da dor dos outros*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

YOUNGBLOOD, Denise J. The Victory Banner over the Reichstag: Film, Document, and Ritual in Russia’s Contested Memory of World War II. *Historical Journal of Film, Radio and Television*, v. 41, n. 3, p. 635–637, 2021.

ZAP. Timor atribui nacionalidade a Max Stahl. Jornalista é reconhecido por luta pela libertação do país. *ZAP.aeiou*, 10 dez. 2019. Disponível em: <https://zap.aeiou.pt/timor-nacionalidade-max-stahl-reconhecido-libertacao-pais-296292>. Acesso em: 6 jan. 2025.